# *Passageiro interior*

*Juliano Moreno*

# *Passageiro interior*

entrelinhas

Cuiabá, 2019

© 2019. Moreno, Juliano.
Todos os direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

| | |
|---|---|
| Editora | Maria Teresa Carrión Carracedo |
| Consultoria | Lucinda Persona |
| Revisão | Zeh Gustavo (textos introdutórios e posfácio) |
| Arte-finalização | Maike Vanni |
| Recorte de imagens | Calebe Borralho |
| Ensaio fotográfico | Ricardo Miguel Carrión Carracedo |

*Foto da capa*
"Sem título", de Vitória Basaia (2018),
[ técnica mista – escultura, lata e papel ].
*Fotos da obra:* Ricardo Miguel Carrión Carracedo
*Foto do autor:* Tainá Kersul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moreno, Juliano
Passageiro interior / Juliano Moreno. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2019.

ISBN 978-85-7992-128-5

1. Poesia brasileira I. Título.

19-29819 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

entrelinhas

Av. Senador Metelo 3773, Jardim Cuiabá | CEP 78.030-005 | Cuiabá-MT
Tel.: (65) 3624 5294 | 3624 8711
e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br | www.entrelinhaseditora.com.br

**À Cacau,**
**que me escolheu como**
**seu companheiro**
**e a quem escolhi para,**
**juntos, construirmos uma**
**história neste planeta.**

**O lembrar**
**é a principal**
**forma de cognição**
**da poesia.**
*Harold Bloom*

**A literatura não é**
**comunicação.**
**É, ao contrário,**
**um instrumento**
**de escavação.**
*José Castello*

Prefácio

# O ritmo de uma travessia

*Lucinda Nogueira Persona*[1]

Abrimos o livro e é a poesia. Palavras que se alinham com excessivo silêncio. Estão ali, uma a uma, impregnadas no papel, imobilizadas, grafadas com os sinais elementares com que se representam e oferecendo aos olhos a incerteza daquilo que escondem. Palavras ajustadas às conveniências de uma aventura. Todas respondendo às tensões secretas de um viajante decidido a mostrar seus caminhos no mundo, a não deixar para trás o espetáculo da vida.

Esse viajante exprime-se a partir de um veículo de transporte coletivo, entre embarques e desembarques, quando vai acumulando, em sequência célere, mil visões fragmentárias que não pertencem a um só momento ou a um só lugar. São paisagens, pessoas, ruídos, casualidades e resíduos de um cotidiano deixando marcas em sua interioridade. Nesse sentido, basta lembrar Jor-

1 Escritora, poeta, bióloga, professora, membro da Academia Matogrossense de Letras. Vários livros publicados, entre poesias e contos.

ge Luis Borges asseverando: "O mundo aparente é um tropel de percepções embaralhadas. (...) A linguagem é um ordenamento eficaz dessa enigmática abundância do mundo".

É assim, página a página, o *Passageiro interior* de Juliano Moreno, cativo de um itinerário essencialmente urbano e de um repertório fortuito disponível a cada percurso. Importa enfatizar que esse repertório casual jamais lhe será estéril; antes, reserva-se como matéria-prima.

Em "Esfera submarina", o primeiro poema, partícula essencial para iniciar a viagem, já se estabelece o veículo da jornada na diversidade urbana, um ônibus, comparado a um "aquário do avesso, / de secura / cheio", onde cada passageiro, da mesma forma que o faz um escafandrista, observa a paisagem movediça diante de seus olhos. A cidade surge, de certo modo, como presença longínqua, tecida vagamente na trama do poema.

Às vezes, o céu é o fator a mobilizar o eu lírico na concretização textual: "Talvez tudo esteja descrito / no atlas de nuvens / figurado no céu, / mapa de difícil leitura, / instável geografia / a mercê da ventania".

Podemos falar que uma aura de realidade se mostra a cada passo. Os versos livres se organizam. A agrura do real rouba a cena. O júbilo do comum desvela um íntimo piedoso e uma conduta serena. Em certos trechos da selva urbana, o poeta se deixa transportar a outros sítios, pelo viés da leitura, perdendo-se não somente na selva da *Divina comédia*, mas perdendo também o ponto de parada.

De fato, o trabalho de Juliano Moreno traduz determinados momentos de sua experiência cotidiana na ambiência concreta de um ônibus, veículo-coisa que muitos poderiam proclamar antipoético, talvez em função da mistura (aço, plástico, alumínio, borracha, entre outros); mas, em Juliano, o ser se expande absorvendo e transmutando as materialidades destituídas de encanto, muitas vezes tendendo à inviabilização pelo uso e pelas oxidações. O que lhe é franqueado à contemplação (degraus abruptos, portas desengonçadas, roletas, poltronas plastificadas, ângulos da lataria) é posto em estado de metamorfose. É dissolvido e reinventado pela alquimia da palavra. Ação que se vê formulada no poema "Maquinário", repleto de signos que transparecem nos fragmentos dos versos: "Agora quero / Reinventar a sucata. (...). Engendro / uma leveza no horizonte, / me apoio em imagens, / Abro / o interior / do céu anterior, / e voo / ao centro / do inescrito".

O poeta, indubitavelmente, observa os acontecimentos e se empenha em realçar afãs inquietantes e secretas indagações em relação aos elementos do mundo e aos companheiros de jornada, proclamando em "Boa lotação": "E toda essa gente / entre migalhas, / fiapos / e ninharias, / se enlata para chegar / aonde"? / Será o quê / essa gente enlatada"? No íntimo, o poeta sabe que são vidas diversas, vidas que vão e vêm, sem tempo e sem ânimo para pensar que a existência é passageira e há de ser vivida com aperto. E as composições vão acumulando uma série de perfis: um menino, as três senhoras "fiandeiras", a mulher com a sacola de bana-

nas, o velho ao seu lado e as "sombras prensadas no assento".

Vale referir que, em Juliano Moreno, a poesia sempre esteve presente. Sua estreia, aos dezoito anos de idade, foi marcada por premiações e pela publicação, em 1994, de *Devaneios poéticos* – IX Flamp/1993 (IX Festival Livre de Arte e Música Popular), EdUFMT. Tal obra evidenciou sua nítida vocação lírica e um modo próprio de expressar seu universo, "pondo a nu emoções insones", conforme apontou no prefácio o poeta Ivens Scaff.

Retomando, quatro planos integram este livro: "Passageiro interior", "Sucata reinventada", "Máquina de levitação" e "Céu sereno". Em cada uma dessas partes, há vários poemas, ora estruturados num só corpo, ora divididos em vários corpos numerados e amparados por um título. E o poeta, em qualquer ocasião, conserva o brando fascínio pelo tumultuoso aspecto dos coletivos em seu constante ir e vir pelas ruas. Cada flagrante encerra imagens diferentes, de um tempo irresgatável que se resolve quando ele convoca seu "passageiro interior". Um passageiro persistente atravessando o áspero e inalterável ciclo dos dias, derramando no horizonte o amálgama de seu ofício, confessando que "o poema é sempre / um bom lugar / para se vestir / com uma nudez inventada".

De modo simples, natural, acumulam-se as impressões desse viajante comovido, olhos vigilantes aos ingredientes do destino, ora se detendo nos ares incendiados do meio-dia, ora encarando a morna madruga-

da. Assim, em certo momento, vamos encontrá-lo "No *omnibus* madrugada afora". E somos nós agora a estacar o passo nas possibilidades de um detalhe, inescapável, nesse ônibus acrescido da letra *m*. *Omnibus* tem origem no latim e significa *para todos*, bem traduzindo a essência do objeto. Há dentro das palavras aquilo que elas são. Por vezes, representam uma só coisa, por vezes têm várias acepções. Voltando a Borges: "inventamos os substantivos para a realidade". Uma realidade que desperta ecos e agrega encanto ao universo da língua.

Por outro lado, o termo em pauta ganha interessante vibração quando buscado no inglês *OmniBus*, um videojogo de plataforma de ação com base na física, publicado pela Devolver Digital. O jogo segue um ônibus imparável, com o qual o jogador deve cumprir missões ou derrotar outros jogadores no combate frente a frente. Adaptando algumas imagens, a poesia será isso, um jogo de palavras, de determinadas palavras que possam liberar sua incandescência e seu sentido para atingir o espírito e provocar emoção.

No "passageiro" que se configura na interioridade do poeta, a força e o estranho mecanismo de manufatura lírica são desenvolvidos, entre idas e vindas, na esteira de "tijolos partidos", "vitral fissurado" e "gestos pontiagudos", bem demonstrando a complexidade de se lidar com a escrita.

Na ordem desse assunto, Clarice Lispector, em certo momento, assim se manifesta: "Quero como poder pegar com a mão a palavra. A palavra é objeto"?

E Juliano Moreno, cônscio dos sortilégios da criação, condiz, na soberania de seus versos: “Há um jeito quase / de fazer um objeto / com a linguagem”.

O poeta, no fluxo encantatório da escrita, subjugado pelas possibilidades da palavra, inscreve-a no campo substancial da matéria, imaginando-a talvez orgânica ou mineral e, sonhando-se escultor, faz seu claro desafio.

Diante disso, compreendemos que este livro nos oferece não somente o ritmo de uma travessia, mas também a agitação do fazer poético, os sinais de um caminho e o modo viajante de sentir, cheio de alma e palavra. Que outro destino deverá ter senão o coração do leitor?

O ritmo de uma travessia . . . . . 11
Lucinda Nogueira Persona

## PASSAGEIRO INTERIOR

Esfera submarina . . . . . 27
Perdido na Divina Comédia (I, II) . . . . . 28
Lia um poema de Emily Dickinson . . . . . 30
Fiandeiras . . . . . 33
O velho ao meu lado (I, II, III, IV, V) . . . . . 35

## SUCATA REINVENTADA

Máquina de fotografia (I, II, III, IV) . . . . . 45
Sucata reinventada . . . . . 48
Nossa Kyvaverá (I e II) . . . . . 49
O menino . . . . . 52
Boa lotação . . . . . 54
A senhora . . . . . 56
O skatista . . . . . 58
Papagaios . . . . . 59
Caminhada noturna . . . . . 60

## MÁQUINA DE LEVITAÇÃO

Maquinário (I, II, III) . . . . . 65
No omnibus madrugada afora (I, II, III, IV) . . . 67
Após minha viagem (I, II) . . . . . 71
Passageiro interior . . . . . 73

## CÉU SERENO

1 O poema é sempre . . . . . 77
2 Na ágora do agora . . . . . 78
3 Há um jeito quase . . . . . 79
4 Só há cheio . . . . . 80
5 Talvez tudo esteja descrito . . . . . 82
6 Fiz uma ou . . . . . 84
7 O espelho da página branca . . . . . 85
8 Vincarei no êxtase . . . . . 87
9 Pastoreio meus guardados . . . . . 88
10 Às vezes, perco o fio (I, II, III, IV) . . . . . 89
11 Só. . . . . 92
12 No cerrado . . . . . 94
13 Do quintal vejo . . . . . 95
14 Noite sem lua . . . . . 96
15 Se jogar . . . . . 97
16 O motor invisível do vento (I, II) . . . . . 99
17 Silêncios claros (I, II) . . . . . 102

Posfácio
Diário de Navegação . . . . . 105